

A VENCIDA

GAZETA D'ESPINHO

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

ADMINISTRAÇÃO Rua Bandeira Coelho 78, 80
 REDACÇÃO Rua do Norte, n.º 12
 ESPINHO
 Director: J. Pinto Coelho

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR
 24—RUA DE S. CHRISPIM—26 PORTO

Editor: Francisco Alves Vieira

A DEFEZA DA REPUBLICA

Tem-se escripto e reeditado «que a Republica se fez para todos os portuguezes, mas que a sua defeza incumbem aos republicanos». Esta verdade intuitiva, accete sem reluctancia na expressão simples do seu enunciado, começa a suscitar duvidas e protestos, quando se tracta da mais trivial applicação da doutrina n'ella contida. Vieram, como era de prevêr, reforçar as legiões da Republica, depois d'ella proclamada, muitos individuos que, por esse acto meramente ostensivo, se julgaram no direito pacifico de ser escalonados nas hostes republicanas, sustentando o mesmo posto de comando que desempenhavam na monarchia desbaratada e tendo ainda a pretensão d'acesso, talvez por antiguidade tarimbeira. E' que esses julgam que os habilita a semelhante veleidade o conhecimento da *tactica politica*, por elles usada outr'ora, como se no novo regimen não tenham de ser novos, completamente diversos, os processos de combate e de defeza!

Convem assentar, sem a menor sombra de duvida, certas questões previas, para que tudo fique no seu lugar, não dando azo a equívocos ou a subtilidades.

Todos os portuguezes ou a grande maioria d'elles, acceitaram a Republica com um sentimento de satisfação, d'alívio e de esperança. O assentimento da nação consagrou a legitimidade das novas instituições.

Mas, como os factos demonstram, uma parte consideravel dos serventuários e apaniguados do velho e decahido tradicionalismo, passado o primeiro momento de estupefacção, de medo ou de sinceridade irreflectida, machinaram logo o estratagemas facil de ludibriar os generosos intuitos da revolução, e ei-los que entram, desarmados e impudentes, a alistar-se solertes no exercito da Republica. Dias volvidos, já essa cohorte de desbaratados, enfileirando em forma, queria constituir-se em corpo regular de voluntarios, prompto ao serviço, com as mesmas divisas, os mesmos galões, os mesmos soldados, mantidos os postos

de direcção hierarchica, guardada a antiga disciplina de caserna e... sachristia.

Para essa gente, sem escrupulos e sem vergonha, a Revolução mudára apenas um rotulo.

Ora, onde se viu que os vencidos, os que se rendem, tomassem d'este modo o ar provocante e intromettido de gente prompta á primeira voz, a colaborar com os vencedores, inimigos ferrenhos e encarniçados da vespera? Que significa esta attitude? Simplesmente falta de decôro e de dignidade.

E que nome mereciam aquelles que, por esta forma insolita, de bom grado recebessem a *adhesão* espontanea d'estes foragidos? Não nos atrevemos a adjectivar essa acção generosa e complacente.

Ponhamos o caso nos seus termos claros. Os politicos profissionaes da monarchia devem merecer ao partido republicano a mais solemne repulsa, até vêr. Que se retraiam, que se penitenciem, que se regenerem! Que adquiram a qualidade de cidadãos da Republica pelas suas provas de conducta, de isenção, de trabalho, de patriotismo. Entretanto são interdictos, dentro do novo estado.

Entre os que se chamavam monarchicos, existia, porém, um grande numero adstricto a esse regimen, que só nominalmente assim se podiam designar. Uns por dever de cargo, outros por via de relações de mera deferencia pessoal, alguns por indifferentismo ou comodidade propria, outros por estupidez ou falta de noções civicas, ainda poucos por tradicionalismo — eram monarchicos, por fóra, muitos dos habitantes d'este jardim á beira-mar plantado. São esses os que a Republica quer chamar á realidade historica d'occasião, interessando-os n'este movimento de ressurreição patriótica, despertando-os e incitando-os á vida civilica. E' a grande legião dos indifferentes, que deve desaparecer n'um conjunto social bem organizado.

E julgando definido o thema em clara evidencia, sem motivo d'erro ou pro-

posito d'omissão, vamos a rematar este breve sumario, revertendo ao tom de milicia com que o encetamos.

Querem os espiritos cultos por analogia distinguir nos republicanos, desde já, duas phalanges distinctas, designando-as, em linguagem marcial, *direita e esquerda*. Chamar-lhes-iamos antes activo e reserva.

Seja, porém, a *esquerda* o exercito feroso, em linha de ataque, prompto a avançar, firme, na defensiva. Seja a *direita* o exercito de reforço, mantido em posição, disciplinado e apto para aguentar, a pé firme, qualquer embate mais rude.

Contem com a esquerda os generaes. Até podem licenciar a direita, que a Republica sustentar-se-á pelo heroismo e devoção dos revolucionarios, a quem está ainda confiada a sua defeza. A revolução não desarmou; apenas ensarilhou armas. Nem desarmará, entretanto.

LETRAS

A minha psychologia ás gottas

Acabe-se com isto

Nascido na dôr, vivendo toda a casta de soffrimentos e morrendo amortalhado em lagrimas e amarguras, é já tempo que o homem, obra má de má argilla, ceda criteriosamente o seu lugar na terra ao quadrupede inconsciente e vil.

Não pretendo conquistar fóros de nephelibata, defendendo á outrance phantasticos principios; curvo-me apenas ao imperio rigido da logica, como todos nos curvamos á evidencia duma infalivel demonstração mathematica.

Bem sei que a grande maioria dos males de que enferma a humanidade, é devida principalmente á pessima organização social que nos envergonha; mas também nenhum de nós ignora ou desconhece que de extremo a extremo e de polo a polo, desde o berço até hoje, o homem tem deixado atraz de si um estendal d'ignominias e um Hymalaia de miserias. A razão que lhe devia sopear o instincto, parece que mais o animalisou ainda e augmentou-lhe a desdita. Por toda a parte o crime, a demoralisação, a falta de caracter, a indignidade, a hypocrisia, doenças, epidemias, podridões: todas as enfermidades da alma, todas as fraquezas da materia. E é para isto que se vive, por tudo isto que se trabalha e suaf!

De que nos serve a inteligencia e de que nos vale a razão? Se todos atravessamos uma vida tormentosa, semeada d'espinhos, sulcada de contrariedades, minada de desgostos, porque a havemos de prolongar atravez das gerações futuras, tornando-as como nós — martyres e desditosas?!... Acabe-se por uma vez com isto. Arre-

messar a este monturo, a este lodagal da vida, almas brancas como neve e limpidas como crystal, quando mais não seja, é pelo menos cruel e deshumano. Não hade haver sempre no mundo angustias e soffrimentos? Porque tornar então infelizes e soffredoras innocentes creancinhas candidas como pombas, formosas como botões de rosa? Devemos esforçar-nos segundo a medida das nossas forças, clamam os sociologos, por atingir um bem estar material e moral mais conforme ás nossas tendencias, mais harmonico com as nossas aspirações. Mas para que? A lei da evolução vimos nós obedecendo ha milhões e milhões de annos. E qual mais infeliz? O homem das cavernas, coberto de pelles, vigoroso, sobrio, independente, sem consciencia e sem escrupulos, obedecendo unicamente ás inclinações da sua indomita natureza — ou o homem do seculo XX, dos cafés e das tabernas, dos salões e dos alcouces, alquebrado de forças, gasto de sentimentos, escravo das leis e dos preconceitos, ralado de remorsos, vencido pelo interesse e pela cubiça, subjugado pela ganancia?

Que ha no fundo de todos os seres uma certa tendencia profundamente accentuada em ordem ao seu progresso e aperfeiçoamento successivos, concordo plenamente. Mas também não posso deixar de reconhecer que, se é certo que não podemos determinar com verdade até que grau de perfeição material e moral poderemos ser levados por todo esse conjunto de forças latentes a que está submettida a ordem evolutiva das coisas — podemos no entanto concluir com segurança que, por mais avançada que esteja a evolução e por mais salutar que venha a ser, nunca ella conseguirá varrer por completo da face da terra nem todos os males do corpo nem todas as enfermidades da alma. São defeitos inherentes á propria organização da materia que, enquanto esta subsistir, não-de subsistir também.

Ora isto, que é tão evidente como irrefutavel, me basta para a demonstração da minha these. Porque toda a força da argumentação está precisamente n'isto: qual é preferivel — não só á luz da razão e do bom senso mas também da consciencia e do coração — o não ser, o quietismo, a ausencia de soffrimento, o seio do Nervana; ou a vida com todas as suas contingencias e todas as suas contradicções, com rosas e com espinhos, com alegrias e com tristezas, com confortos e com dôres? A resposta é facil e está dentro da logica.

E' certo que Guyau, se não me engano, pretendendo justificar as penas da vida, nos suppõe trepando ao cimo d'uma montanha escarpada, d'onde se descortina um deslumbrante panorama que nos compensa sufficientemente dos perigos e trabalhos da ascensão. Mas do que o grande pensador se não lembrou foi que as montanhas da vida são aglomerados de dôres e de miserias que muitas vezes só ultrapassamos na morte. Se depois de tudo isto, se após este claro e axiomatico arazoado, acudir ainda aos labios de algum uma gargalhada estridente de indifferença e desprezo pela doutrina que defendo — eu aconselho esse alguém a que ausculte o intimo de sua consciencia nas horas mais atribuladas da vida,

que as hade ter, ou quando definharem no leito queimado pela febre, ou sempre que a morte lhe arrebathe uma pessoa amiga.

Uma unica objecção nos podem oppôr e é que, bem ou mal, com vontade ou sem ella, é força que nos submettamos ás leis imperiosas do universo e da materia, da geração e da vida. Mas nem mesmo este argumento, como vamos já ter occasião de constatar, pode colher.

Longe do mim tentar fazer a apologia do Malthusianismo, pregando a castidade e recalçando no fundo dos corações o que n'elles ha de mais elevado e nobre que é o amor. Só um espirito excessivamente crente como o de Malthus, embevido de preconceitos religiosos, podia conceber semelhante monstruosidade e semelhante aberração. Como perfectamente conhecem este sabio economista inglez pretendia cruelmente melhorar a situação material das classes proletarias por meio da abstinencia das relações sexuaes. Nada mais barbaro e deshumano. Era privar o pobre precisamente do prazer que lhe é mais accessivel na vida.

Alem de revoltante, sendo uma indignidade, tinha que cair aos golpes da reacção, operada pelos neo-malthusianistas, que veio abrir novos horizontes no mundo da economia e da moral. Que cada um por meio da infecundação tenha um numero de filhos conforme as suas posses e os seus haveres tal é o lemma desta escola.

— Escola abençoada. Quanto na outra havia de indigno e de aviltante, quanto ha n'esta de nobre e de humanitario. «Não temo o direito, diz muito bem Egas Moniz, de povoar o mundo de seres syphiliticos e alcoolicos que arrastem uma vida inteira de miserias, cobertos de enfermidades, mas não se nos pode exigir também o sacrificio do amor porque seria além duma flagrante injustiça, uma deshumanidade sem nome».

E nada mais justo, nem mais sensato. Defender, como pretende Mayer Garçon, a elevação do numero de filhos das classes proletarias a fim de estas mais depressa se imporem, sob a pressão da fome, fazendo reconhecer os seus direitos, poderá estar em harmonia com a historia das evoluções sociais, sempre realizadas á custa de inauditas crueldades, de sangue e de tyranias, mas não deixa por isso de ser deshumanamente duro e extremamente barbaro.

Não senhores, Mayer não tem razão, porque ainda todo o neo-malthusianismo rigorosamente applicado em toda a sua extensão não chega. E' preciso um neo-malthusianismo mais forte, um ultraneo-malthusianismo que nos acabe com a raça. O ideal, com consciencia e satisfação o affirmo, é este e sómente este; — ninguém mais ter filhos por meio da esterilisação da mulher, para que dentro dum seculo tenha desaparecido da superficie da terra um dos animais que mais a envergonhou e soffreu. Bem sei que vou ferir com as minhas idéas os verdadeiros e sinceros defensores do lar e da familia; para quem os filhos são estrellas scintillantes nas noites caliginosas da vida.

Concordo plenamente. Ouço também de coração enternecido os seus gritos de revolta e de protesto, porque sobre o mundo não houve ainda instituição mais santa que a da familia nem coisas

mais sagradas que a dedicação de pae e o amor de mãe. Mas que nos digam também a puridade de todos os patres-familias se ha egoismo mais atroz e revoltante do que sacrificar ao seu bem estar, aos seus interesses e alegrias de espirito, o remanso, o quietismo, a paz e a felicidade dessas almas candidas, puras e crystalinas, que Deus guarda pela sua propria mão num relicario d'ouro. Ter filhos é o maior dos contrasensos. Acabe-se com isto.

A. Corrêa Marques.

Carta a um banhista... de inverno

Cidadão... a banhos

Com que então Espinho vai ser irremediavelmente — «uma comarca por agua abaixo»?

Antes de mais, meu espirituoso *banhista*... de inverno, deixa-me felicitar-te pelo dito. Sem offensa, até parece d'aquella graciosa dama que chamava a isto, com todo o seu rancor de mulher velha... e franquista, — «uma comarca de sapateiros». Vê se que lês pela mesma cartilha e que a comarca te não convem aos... sagrados principios.

Finoriol
E porque a comarca te não convem, é que tu, marotinho, de sandas a fazer prophecias funebres, sem te lembrares que os «sapateiros» cá da terra já não crêem em prophetas, e muito principalmente quando elles se dizem como tu — «amigos dedicados de Espinho».

Espinho está farto dos tais amigos dedicados, que nunca serviram senão para o codilhar. E quando aparece algum como tu a apregoar a «sua amizade dedicada», a sua «amizade desde a infancia», Espinho, que está resolvido a contar apenas com a amizade de si mesmo, faz-vos aquelle expressivo gesto que Yago fazia á virtude.

Isto aqui para nós, muito á puridade: não te convem que esta terra, que tu tanto recommendas aos «paes de familia e de creanças rachiticas», seja a séde da vasta comarca a que tem direito, porque... — que demonio! porque isso pode dar prestigio politico... a quem tu sabes.

Antes ver Espinho ir por agua abaixo, do que vel-o progredir com o auxilio dos *tais* que tu sabes e detestas, não é assim? Se Espinho podesse ser comarca, tendo-te a ti por cacique, já a coisa te não doia nada e ninguem te veria tão indignado contra o «feroz egoismo» (a phrase é tua e bem tua!) dos proprietarios d'esta terra.

Mas assim, progredindo Espinho e progredindo sem precisar de ti para nada, já o caso muda de figura e eis-te a prophetisar que tudo isto vai ser arrasado, sem te lembrar que nem sequer poupas... a fabrica de conservas de Brandão Gomes & C.ª.

Vai tudo por agua abaixo; até tu te sentes ir tambem por agua abaixo... se a comarca vier, já se sabe.

Pois tem paciencia, meu *banhista*! A comarca ha de vir naturalmente e naturalmente ainda até te havemos de ver a ti manifestar o teu regosijo (que remedio!) em nome da tua amizade desde a infancia a esta terra de... «magnificos hoteis».

Eu já tenho a dolorosa experiencia dos homens que jogam com um pau de dois bicos e tem um caracter de não sei quantos bicos.

Ainda hei de ver, quando a comarca vier, algum fingir o seu regosijo e até apregoar os seus serviços e a sua «dedicada amizade» a esta terra que vai ser devorada pelo mar, mas que tu, apesar d'isso, amigo d'uma figa, fazes o favor de ir recommendando aos paes de familia com petizada rachitica. Ainda hei de ouvir esse algum chamar nomes feios e difi-

ceis a todos aquelles que, como tu, movem uma guerrasinha surda á creação da comarca.

E esse algum que tanto se ha de alegrar com a vinda da comarca, has de ser tu mesmo, tu que vens agora — «proclamar bem alto a insensatez e inutilidade da sua creação».

«Bem alto», dizes tu?
Bem alto — não. Eu preciso de te lembrar, meu corajoso *banhista*, que o que tu fizeste foi apenas esconder-te por detraz do anonymo, como todos aquelles que desejam dizer mentiras e cobrir a retirada. Um anonymo nunca falla alto. Pelo contrario, falta-lhe a coragem moral para isso. Anonyma é a calumnia.

Bem alto — e escondeste o nome... por modestia! Quem falla alto, quer que o ouçam, quer que o vejam. E tu, não é verdade? desejas que nem o diabo sonhe quem tu és. E' por isso que tu te escondeste, como se escondem todas as creaturas que só pensam coisas ordinarias.

E afinal fizeste bem. A ti mesmo te applicaste o qualificativo moral que merecias. Dispensastes uos a nós de te applicar.

E viva!

Manoel Lorangeira.

A antiga Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

O *Diarho da Tarde*, em seu numero de 3 de janeiro corrente, versa um assumpto de alta importancia economica para o paiz, encimando taes considerações, sob justo criterio deduzidas, com a epigrapha «Caminhos de Ferro».

O artigo que nos apraz transcrever, refere-se á necessidade de resgate das principais linhas ferreas de Portugal. Alem de ser medida de visível interesse nacional, outras razões de ponderavel alcance militam em favor da ideia defendida pelo articulista do *Diarho da Tarde*.

De facto, entre os caminhos de ferro portuguezes, uma serie de linhas ha, em poder de estrangeiros, que tem excepcional importancia. E' a rede de caminhos de ferro da chamada Companhia Real vasto dominio de fortes ramos que se prolongam além fronteiras. A propria defeza do nosso territorio importa a urgente *nacionalisação* d'essa companhia. Ainda á custa d'um sacrificio do thesouro essa *nacionalisação* impõe-se como um dever patriotico de defeza legitima. Obvio demais nos parece o argumento, para que nos dispense largo commentario. Bastará n'elle attentar por um momento apenas.

De resto vamos d'accordo, perfilhando toda a doutrina.

Ha tempo, ainda no regime caído, disse-se que o governo d'então projectava fazer o resgate das linhas da Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes e segredava-se que essa medida se tomava para que aquellas linhas, juntas com as do Estado, servissem de garantia a uma operação financeira, naturalmente d'aquellas operações em que a monarchia era useira e vezeira.

Seria um syndicato inglez que romaria conta dos caminhos de ferro, isto é, seria o complemento da invasão, porque não haveria nada mais que empenhar e o estrangeiro assentaria definitivamente arraaes para garantia da monarchia e felicidade nossa.

Mas como no regime actual nós não desejamos tal felicidade, suppondo que entrará no numero de providencias regeneradoras da nossa administração a mesma operação de resgate d'aquellas linhas, mas para interesse do Estado, do publico e das regiões atravessadas por ellas e privadas do desenvolvimento da via atelerad porque aquella Companhia pensa que advoga os seus interesses oppondo-se syternamente ao estabelecimento de linhas transversaes, que nas d'ella venham entroncar

quando todo o interesse seria que as relações commerciaes e industriaes se desenvolvessem nas regiões que seriam servidas por essas transversaes, trazendo assim á sua arteria principal augmento de trafego.

Não se comprehende que entre Alfarellos e Lisboa não haja uma via de comunicação entre as linhas de leste e oeste, n'uma extensão de mais de 200 kilometros; assim de Santarem a Caldas da Rainha por caminho de ferro é preciso percorrer 190 kilometros, quando entre aquellas duas povoações ha uma distancia aproximada de 45 kilometros!

A operação do resgate é não só uma medida de boa administração, suppondo que se administre como a nação espera dos dirigentes da Republica, mas tambem a supressão d'um estado no estado, o que não está nos moldes do novo regime e cuja organização não obedece ás exigencias modernas de economia.

A reunião dos caminhos de ferro do sul com os do norte por meio das linhas da Companhia dos Caminhos de ferro Portuguezes constituii uma vasta administração com unificação de tarifas serviços ligados e directos, rapidos, confortaveis e economicos para cuja direcção o paiz possui pessoal habilitado sem ser necessario vir do estrangeiro quem tome conta de taes serviços.

O trafego das regiões atravessadas, sobretudo entre Lisboa e Porto, seria notavelmente augmentado pelo estabelecimento de linhas economicas, já construidas directamente pelo Estado, já concedidas a companhias que se encarregasse na construção e exploração durante prazos convençionados.

Com todos os possiveis melhoramentos n'una rede tão conservavel poderá fazer-se i terra da importancia das receitas quando só a antiga Companhia Real rende perto de sete mil contos de réis.

E' proprio d'este sentimento seria curioso saber como uma companhia que tem um rendimento de 7.000 contos e tendo uma despeza de exploração de 50 oyo consegue não pagar juros ás acções nem ás obrigações do 2.º grau. E diz-se ainda que ella pensa em netter-se em aventuras de novas construcções, para o que, segundo tambem se diz, os seus chefes de serviço passeiam e fazem estudos n'um certo valle onde está uma linha em construcção.

O governo da Republica desejando, como é sua intenção, e mesmo dever, moralisar as administrações e chamar ao Estado o que se póde converter em vantagens e beneficios para o mesmo Estado e sobretudo quando d'uma tão vasta operação utilisa a nação, não deixará de certo de aproveitar o ensejo que se lhe offerece para melhorar o systema de viação mais importante do nosso paiz.

J. B.

UM NOVO PROJECTO DE BANDEIRA

O sr. Delfim Guimarães enviou á imprensa a descripção fundamentada e os desenhos d'um novo projecto de bandeira nacional. Na collaboração artistica da bandeira e no desenho entra o trabalho de Jorge Gameiro.

Esta bandeira de listas horizontaes, vermelha, branca e verde, ostenta na fxa branca, a central, um escudo, sobre esphera armillar, que deve ser de admiravel effeito.

Apraz-nos dizer que o projecto a que nos vimos referido merece a nossa especial predilecção, embora entendamos que a bandeira da revolução ou melhor as côres da revolução devem prevalecer na bandeira nacional definitivamente adoptada, como symbolo da patria liberta.

Apenas teremos a objectar ao projecto do sr. Delfim Guimarães, um singelo reparo: parece-nos demasiadamente desproporcionadas as larguras das faxas. A faxa central, a mais larga, que é branca deves talvez ser igual em largura ás duas extremas sommadas.

Para melhor elucidação vejamos como por simples exercito, como o sr. Delfim Guimarães legi-

tima judiciosamente o seu projecto:

Auscultando a opinião, adquirimos o convencimento pleno de que hoje seria impossivel restabelecer a bandeira azul e branca, tendo ou não as estrellas, sem que se operasse um forte movimento de protesto por parte de quantos trabalharam pela implantação da Republica.

—Mas não seria possivel, associando á tradicional bandeira portugueza as côres da Revolução, realisar uma bandeira equilibrada, harmonica, não meos bella do que a da extincta monarchia na sua phase pseudo constitucional? Uma bandeira que não prestasse o flanco ás criticas com que era alvejada a que foi proposta pela Commissão, e adoptada provisoriamente pelo Governo da Republica? Uma bandeira de conciliação, se assim quizerem, mas totalmente diversa da azul e branca?

Pareceu-nos possivel conseguir um tal desideratum, e mettemos hombros á tarefa, estudando o assumpto com boa vontade, e sem o receio de que apodassem de aproveitamento a nossa empreza, convencidos como estamos de que é dever de todos os portuguezes contribuir com a sua quota parte de esforço para a solução de todos os problemas nacionaes; e não se diga que a fixação do typo da bandeira portugueza não representa um problema digno de exame, e de real importancia. Que interessa a muita gente, prova-o de sobejo a grande quantidade de projectos e alvitres que tem vindo a publico, e as muitas questões e controversias a que tem dado lugar.

Reconhecemos que a côr branca, que constituiu durante seculos a côr predominante do pavilhão portuguez, devia ser conservada na nova bandeira (como igualmente o reconheceu, no seu relatório, a Commissão); mas entendemos que se devia adicionar-lhe as duas côres do movimento republicano de outubro, e imprimir-lhes a disposição mais de molde a tornar o novo pavilhão bem diferente do italiano, e não confundivel com os de outros paizes em que as côres nacionaes são igualmente a vermelha, a branca e a verde.

E isto conseguir-se-hia dispondo a nova bandeira portugueza em tres barras horizontaes: a primeira vermelha, a segunda branca, a terceira côr, occupando a segunda côr o maior espaço do pavilhão.

A côr branca atenuaria a cruzada das côres verde e vermelha, assegurando a reproducção photographica da bandeira nacional um aspecto totalmente diverso do tom uniforme, negro, que apresenta a bandeira em vigor até ás Constituintes.

Como motivo aymbolico para seu adorno, entendiamos ser imprescindivel a conservação do escudo portuguez, desde que se lhe modificasse a forma que lhe foi introduzida nos tempos modernos, evitando sobre tudo a linha recta da sua parte superior; não nos repugnando tambem admitir a esphera armillar, mas a servir de fundo ao escudo glorioso dos castellos e quinas, pois que n'este ponto discordamos inteiramente da opinião do insigne poeta dos *Simples*, a quem se afigura uma incongruencia a collocação de um escudo plano sobre uma esphera, o que é perfeitamente admissivel, e tanto assim que sem essa liberdade graphica seria inaceitavel de igual modo a collocação de castellos, de forma geralmente cilindrica, sobre a superficie plana de qualquer escudo.

Desde que o brazão das armas portuguezas deixasse de manter a linha recta na parte superior, seriam desnecessarios quaesquer adornos, estrellas ou barretes phrigios, para supprir a falta da corça que dava equilibrio ao escudo, completando-se por assim dizer.

Casos da semana

A sindicancia á thesouraria do ministerio da fazenda

Os relatorios que vem sendo publicados pela Commissão de Syndicancia á Direcção da thesouraria do antigo ministerio da fazenda revelam-nos, dia a dia, surpresas pavorosas. O que ahão de adiamentos encobertos e de falcatruas de alto coturnol E ainda a procição vae na rua... O que será esse calvario de ignominias!

CASOS E NOTICIAS

Camara Municipal — Sessão de 5 de Janeiro — Presidencia do cidadão Alfredo de Berredo; presentes os vereadores Alberto Delgado, Antonio Cruz, Avelino Vaz, José Tabragas e Manoel Lima. Presente, tambem o cidadão administrador do concelho, Dr. Pinto Coelho.

Constituida a Camara sob a presidencia do vereador mais velho sr. Alfredo de Berredo procedeu-se á eleição do Presidente e Vice-presidente para o corrente anno sendo votados:

Para presidente o sr. Alfredo Berredo com 5 votos, e o sr. Antonio Cruz com um voto; Para vice-presidente o sr. Antonio Cruz com 4 votos, e o sr. Francisco Alves Vieira com 1 voto.

Apurado o resultado da eleição, o sr. Alfredo de Berredo, assumindo a presidencia agradeceu a confiança que os seus collegas n'elle depositam, e disse esperar que os seus actos a ella sempre corresponderão.

En seguida foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

A Camara deliberou que as suas sessões de futuro se effectuem ás quintas-feiras ou no dia immediato quando este seja feriado, e sempre pelas 3 horas da tarde.

Tendo sido convidado os dez maiores contribuintes (da contribuição predial) para conjuntamente com a Camara, nomearem um vogal effectivo e outro substituto, para a Commissão avaliadora de predios urbanos, nos termos do art. 150 do Decreto de 10 d'agosto de 1903, verificou-se que na sala se achavam os cidadãos Antonio d'Oliveira Salvador Junior, João Dias Pinto Junior, Joaquim Ferreira d'Oliveira e Souza, e Joaquim de Sá Alves d'Oliveira e procedendo-se a essa nomeação verificou-se haverem sido nomeados, por unanimidade de votos, os cidadãos Joaquim de Sá Alves d'Oliveira, para effectivo, e Francisco de Pinho Faustino, para substituto.

A camara tomou conta do seguinte expediente:—Officio do Governo Civil, d'este districto, lembrando á Camara a conveniencia de incluir no orçamento para 1911, a parte da divida que lhe cabe satisfazer á Camara da Feira, e sobre cujo assumpto ainda recentemente, a Camara transacta resolvera contrahir um emprestimo de 7.500.000 réis.

O sr. presidente diz que já respondera áquelle officio, expondo ao sr. Governador Civil, que ainda não está definitivamente fixado quando Espinho tem a pagar á Camara da Feira, pela parte que lhe cabe no passivo d'aquelle concelho, e que para esse fim foram já nomeados por esta Camara dois representantes para se entenderem com os da Camara da Feira, a fim de se ultimar essa deslricção. A Camara approvou por unanimidade esta resposta.

Officio da Caixa Geral de Depósitos, declarando ter-se extraviado o precatório n.º 35 d'esta Camara, e pedindo segunda via do mesmo. A Camara ficou inteirada d'este officio e de se haver já satisfeito.

Requerimento de Lino Joaquim Paes, para vedar um terreno que possui a confinar com a rua Macario de Castro.—Deferido.

Presente novamente o requerimento de Manoel de Pinho Branco Grosso Capante, para edificação.—Committido ao Sr. Avelino Vaz.

A Camara deliberou que uma

COMMUNICADO

Cidadão redactor

O encarregado fiscal snr. Fausto Pinto de Carvalho, para se dar ares de funcionario zeloso, publicou no passado numero da «Gazeta» um mappa do rendimento do imposto do real d'agua n'este concelho.

E' para lamentar que tão zeloso empregado não fizesse igualmente publicar uma lista dos contribuintes e respectivas importancias que cada um pagou, para o publico poder avaliar a justiça com que esse imposto foi distribuido.

Por ella se distinguiriam os «filhos» dos «enteados».

O que me admira, snr. redactor, é que a Repartição dos Impostos ainda não fosse syndicada,

Espinho, 6 de Janeiro.

«Um infeliz enteado»

OS DA RELAÇÃO

O JULGAMENTO DO FRANQUISMO

Acordão que despronuncia Teixeira de Abreu

(Do Mundo de 5 de Janeiro)

A relação julgou efectivamente hontem o agravo de Teixeira de Abreu do despacho que o pronunciou. O sr. Vellez Caldeira, por ser mais radical, não foi o relator; deu logar ao sr. Matheus Teixeira de Azevedo. O acordão é o expressivo documento que segue. Não se pôde dizer que está escrito em lingua de preto, porque é, simplesmente, a linguagem da Relação:

Acordão proferido nos autos criminaes do agravo vindos do 2.º juizo de investigação criminal desta cidade, em que são partes: agravante, dr. Antonio José Teixeira de Abreu, agravao do Ministerio Publico.

Acordão em conferencias na Relação:

Visto o presente recurso de agravo interposto em tempo pelo dr. Antonio José Teixeira de Abreu, do despacho do juiz de investigação criminal de Lisboa, que o pronunciou como um dos auctores do crime previsto no art.º 301 n.º 4 do Codigo Penal por ter, juntamente com os seus collegas do Ministerio promulgado e posto em execução, desde 10 de maio de 1907 até 31 de janeiro de 1908, diferentes decretos suspendendo a execução das leis e arrojando-se o poder de legislar e tambem como um dos auctores da tentativa do crime previsto no artigo 451 n.º 3 com referencia ao art.º 421 n.º 4 do mesmo Codigo Penal, por ter juntamente com os seus collegas, promulgado o decreto de 30 de agosto de 1907, que não consta que chegasse a ter execução e pelo qual o rei D. Carlos dá por pagos ao Estado 465:715\$700 réis das quantias que se lhe havia adeantado para seu bolso particular, com haveres que não lhe pertenciam e por isso não constituia propriedade de que elle podesse dispor, lançando-se em segundia a cargo do mesmo Estado despezas no valor de 400:000\$000 que por lei estava a cargo da monarchia aumentando-se assim fraudulenta e a lisa civil.

Atendendo a que conforme a proclamação de 5 de outubro ultimo e decreto de 10 do mesmo mês, são os tribunales ordinarios competentes para conhecer dos factos de que trata o presente recurso:

Atendendo-se a que a proposta de accusação apresentada em sessão da camara dos deputados de 29 de ju-

lho de 1908, contra o ministerio de que fazia parte o agravante, pelos factos constantes da pronuncia e outros, não foi admitida á discussão e assim, não tendo sido apreciada podia ser renovada em qualquer outra sessão;

Atendendo a que o crime do art.º 301 n.º 4 do Codigo Penal, sendo manifestamente de origem e caracter politico, está amodiado pelo art.º 2.º do decreto de 8 de maio de 1908 sem que possa obstar a disposição dos artigos 7.º § 3.º da lei de vinte e quatro de julho de 1885 e 6.º § 3.º da lei de 3 de abril de 1896, que só se referem ao perdão, que é diferente da amnistia, como se vê dos artigos 125.º n.º 3.º e 126.º § 2.º do citado Codigo Penal;

Atendendo relativamente ao outro crime consistente na promulgação do decreto de 30 de agosto de 1907, que o seu art. 1.º manda que a conta de 771:715\$700 réis, provenientes dos abonos feitos á administração da fazenda da casa real seja encerrada pela seguinte forma: a quantia de 465:715\$700 réis por compensação da privação perpetua das rendas dos predios da corôa dados de arrendamento ao Estado para diversos serviços publicos, e a quantia de 306:000\$000 réis, por encontro com igual quantia como despesa do ministerio da marinha pela aquisição do hiate D. Amelia; e pelo art.º 2.º ficaram extinctos os direitos da corôa sobre os bens a que respectam o artigo anterior e a alinea a) do § unico do artigo dezanove da lei de 12 de junho de 1901, os quaes passaram em plena propriedade para a fazenda nacional;

Atendendo a que o art. 451.º, n.º 3.º, do Codigo Penal, segundo a sua letra expressa, pune aquelle que fizer que se lhe entregue dinheiro ou outros valores, defraudando outrem e empregando artificio fraudulento para persuadir a existencia do poder suposto, mas a publicação do citado decreto de trinta de agosto de 1907 e o ordenamento das contas nelle apuradas não podem refutar-se comprehendidas naquelle artigo do Codigo Penal, pois nem sequer se allegou que o agravante pretendesse que lhe fossem entregues dinheiros ou outros valores a elle proprio ou a algum dos outros arguidos co-réus.

Continúa

comissão composta dos cidadãos José Fernandes Mourão, Antonio Montenegro dos Santos, e do Secretario da Camara estudem a maneira de estabelecer uma escripturação completa na secretaria da Camara, formando-se mesmo do systema usado em outras secretarias municipais.

Deliberou que na primeira sessão lhe seja preside pela secretaria, uma nota do estado dos fóros que são devidos á Camara afim de se proceder á cobrança dos remissos.

Foi presente o relatório da Comissão d'Inquerito ao estado da escripturação da Camara e inventario do seu archivo, e a Camara deliberou que esse relatório, e documentos que o acompanham, fique á disposição dos vereadores que o queiram estudar.

Por proposta do vereador snr. José Xabregas, foi nomeada uma comissão composta dos cidadãos Francisco de Rezende Alvaro José d'Almeida, José Alves Pereira da Silva, Manoel Casal Ribeiro e Joaquim Paes dos Santos, para reverem o cadastro das aveações que a esta Camara pagam os negociantes do concelho, fazendo-lhe as alterações que intenderem de justiça.

A Camara deliberou que o presente faça parte da comissão, presidido a ella, na qualidade de representante da Camara,

O sr. administrador do concelho, chama a attenção da Camara para a deficiencia da iluminação publica na parte sul do concelho, onde permanecem apagadas muitas lampadas.—A Camara deliberou officiar ao administrador da Companhia sobre o assumpto.—Deliberou tambem mandar collocar duas lampadas ao sul da rua Vaz d'Oliveira, uma da parte de cima do Parque e outra na rua d'El-rei, e bem assim prover que sejam reparados os postes d'algumas lampadas do bairro da Fabrica das Rolhas que se acham destruidos.

Deliberou tambem que as ruas e avenidas que vão de norte a sul d'esta praça, sejam denominadas por numeros impares, e as que correm de nascente a poente, por numeros pares, conservando todavia alguns dos antigos nomes.

Foi autorizada o cidadão presidente a assignar varias ordens de pagamento e em seguida encerrada a sessão.

O tempo e o mar.—O nosso boletim meteorologico da semana accusa:—Tempo sereno e frigidissimo, sol sem nuvens;

O mar relativamente calmo com assomos de bravura epiletica; pesca infructifera.

Obras camararias.—A Camara d'Espinho procede com actividade á abertura de ruas interceptadas, por ter liquidado judicialmente a expropriação de terrenos pertencentes ao sr. Abel Motta Dias Gomes.

Estado sanitario.—Podemos affirmar, á face das estatisticas officiaes, que é optimo o estado sanitario actual d'Espinho. Ha cerca de quinze dias que não se registou caso algum de typho exanthematico. O hospital provisorio foi fechado, á mingua de doentes. E' de louvar o rigor e acerto das medidas sanitarias que foram, com escrupulo e proficiencia, postas em pratica. Digno de menção honrosa é tambem este abençoado clima d'Espinho que parece refractario á população de germens epidemicos. Haja vista a benignidade e facil extinção d'este fôco, quando é certo que outras povoações luctam debalde, ha muito tempo por, debellar tal andago sem o terem conseguido... Fiquem sabendo isto os timoratos e os... amigos de Peniche.

Desastre marítimo.—Na praia d'Agua deu-se, na ultima semana, um desastre lamentavel. Voltando-se um barco de pesca lá pareceram dois maritimos, naturaes d'Espinho, apesar do arrojado denodo de gente do mar que lutou devéras em soccorro das victimas.

Cynematographo.—No Peninsular tem se exhibido aos domingos esplendidas fitas. As sessões cynematographicas, de novidade e bom

gosto, são extraordinariamente com corridas.

Protesto.—As comissões administrativas locais resolveram protestar collectivamente contra as asserções contidas em artigos d'O Seculo e assignados por «Um banhistas».

A nossa carteira.—Passam indistinctas de saúde as Ex.ªs S.ªs D. Olympia Besa de Carvalho e a esposa do sr. José Fernandes Mourão, antigo administrador d'este concelho, e os sr. Carlos de Mendonça e Evacisto de Moraes Ferreira distincto conductor d'obras Publicas.

—En consequencia d'uma queda desastrosa, encontra-se tambem doente a Ex.ª S.ª D. Maria do Ceu Pinto d'Almeida.

Associação Academica de Coimbra.—Os acadêmicos de Coimbra, agremiação n'aquella utilissima instituição pretendem obter, para as suas excursões de estudo e recreio, redução no preço das viagens nas varias linhas ferreas dos paiz. Attento o motivo da pretenção julgamos legitimas as aspirações de estudantes e muito fulgaremos em que sejam ouvidos como é de justiça.

Fallecimentos.—Falleceu n'esta praça o sr. Francisco Mauricio de Carvalho, importante e benquistado proprietario.

—Tambem falleceu, no ultimo domingo, o sr. Manoel da Silva Vaz, mestre d'obras, muito conhecido e estimado n'esta localidade. Era pai do sr. Avelino Vaz, membro da Comissão Municipal administrativa d'Espinho e do sr. Joaquim Vaz nossos presados correlegonarios. A estes nossos amigos, bem como á restante familia enlutada acompanhando-os n'este doloroso transe.

Theatro Alliança.—O Grupo Alegre Mocidade leva á scena no proximo domingo (15 de Janeiro) o drama militar em 3 actos «O Filho da Republica». O espectáculo começa ás 8 1/2 horas da noite.

Bibliotheca do Livro Pensamento.—Recebemos o volume n'esta interessante collecção, intitulado «Os seis primeiros capitulos do Genesis. (E' um esboço critico, feito com logica e erudicção, de que é auctor o snr. F. de Carvalho. O livro é editado pela Livraria Central de Gomes de Carvalho.

Rua da Prata, 158 160—Lisboa. Agradecemos a gentileza da offerta.

Grupo Alegre Mocidade d'Espinho.—Como já resuadante dissemos no numero anterior realçou-se no passado domingo 1 do corrente, no Theatro Alliança, uma festa promovida por esse grupo espinhense, para solemnizar a sua instalação no mesmo theatro.

A festa principiou por uma brilhante sessão solenne a que presidiu o cidadão dr. Manoel Laranjeira secretario do grupo Manuel Granja e Herculano Neves.

E tiveram presentes os cidadãos Antonio dos Santos Pouz da presidente da Associação dos Bombeiros, e Vicente Alves Dias commandante da mesma corporação.

O cidadão Manoel Casal Ribeiro, thesoureiro do Grupo, representava por thelogramma recebido, o presidente do Grupo dos Modestos do Porto, que não pôde vir pessoalmente representar o seu Grupo por este ter festa na mesma occasião.

Constituiu a mesa o socio fundador e secretario da Direcção sr. Benjamin Dias, lê uma mensagem na qual explanava a historia do Grupo e mostrava as suas intenções, que realmente são dignas do apoio moral e material de toda a Sociedade Espinhense.

Segundo esta mensagem, é proposto do Grupo criar bibliotheca d'Instrucção literaria, realizar espectaculos de beneficencia, promover durante o anno as festas e diversões ao alcance do seu cofre, etc etc, alem de offerecer amudadas vezes espectaculos gratuitos ás familias dos seus associados.

Finda a leitura da mensagem, usam da palavra os cidadãos Santos

Ponzada e Dr. Laranjeira que realçam o papel que á mocidade compete na sociedade moderna, e teem palavras de louvor e incentivo para com o Grupo.

A sessão solenne terminou ao som do hymno do Grupo, executado pela sua tuna de que é regente o sr. Fausto Neves.

Seguiu-se o sarau scenico musical subido á scena as seguintes comédias «A costureira» V. «Ex.ª D. Coutinho» e «Uma experiencia», distinguindo-se n'ellas Oscar Roligues, D. Mari Luza, D. Palmyra Loureiro, Herculano Neves, D. Nathalia G. Ribeiro J. Fernandes e A. Quintas.

Os amados scenicos e musicos foram muito applaudidos.

Finanças camararias

O cofre municipal d'este concelho teve no decurso do anno findo (1910) o seguinte movimento:

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Receita propria, Fundo de viação, Saldo de 1909, and Somma a receita total.

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Dinheiro entrado na C. Geral de Depositos, Madados de pagamento, Para soccorros a naufragos, and Somma a despesa total.

Resumo do balancete em 31 de Dezembro.

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Em fundo de municipio, Em fundo de viação, and Saldo total.

Opportunamente desenvolveremos, com maior latitude de esclarecimento e dados numericos, o movimento financeiro da Camara no decurso do anno findo.

CORRESPONDENCIA

Fafe 5 de Janeiro.

Um amigo meu de fóra d'aqui escreve-me dizendo — «não seria um acto de inteira justiça que a Comissão Municipal de Fafe praticava dando o nome de «O Desforço» a uma das ruas da villa, por exemplo á rua Nova, onde esse jornal sempre existiu, creio que desde a sua fundação? Todos sabem o que tem sido a vida d'aquelle periodico, sempre norteado pela Justiça e Liberdade, sempre na brecha na defeza dos interesses locais e do seu ideal — a Republica, —por quem tudo sacrificou; por isso bem merece esta homenagem».

Ahi fica a lembrança do meu amigo, que perfilho incondicionalmente, tanto mais que conheço o que havia de abnegação e coragem no proprietario d'«O Desforço» para n'um meio como este não se vergar a imposições de monarchicos não solicitando nem accetando os seus favores, e manter o seu jornal sempre republicano, fiel aos principios que jurara defender, o que lhe custou muitos dissabores, levando ainda agora a sua abnegação ao ponto de nada querer da Republica. Infelizmente homens como este ha poucos, senão que Patria ideal não seria a nossa!

—Aos illustres cidadãos que estão á frente do Municipio supplico que tenham piedade dos pobres mortaes que por desgraça sua se vêm obrigados a dirigir-se á estação do Caminho de Ferro para seguirem no comboyo da madrugada, pois que não ha uma simples lamparina d'azeite accesa áquella hora na avenida ou ruas que para alli convergem, d'onde resulta o estar-se sujeito a

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista
rethese e operações dentarias

Passeio Alegre 10-1.º

Em frente ao coreto da Graciosa

**PIANO VERTICAL PARA ESTUDO
VENDE-SE**

**Avenida do Theatro n.º 367
ESPINHO**

MONTENEGRO DOS SANTOS

NOTARIO PUBLICO

RUA VAZ D'OLIVEIRA, 260

ESPINHO DISTRIBUIÇÃO nos DOMICILIOS

PHARMACIA CENTRAL

ALBERTO DELGADO

Rua Bandeira Coelho, 79, 81 e 83

ESPINHO

Piano Vertical

VENDE SE OU
ALUGA-SE BARATO

PASSEIO ALEGRE, 102

ESPINHO

Hotel e Restaurante

CAFE CHINEZ

N.º 11

DE

José Fernandes do Lago

Praia d'Espinho

Aberto todo o anno. Proximo á estação.

PADARIA CASAL RIBEIRO

59, RUA DO CRUZEIRO, 63

ESPINHO

Manipulação esmerada

DISTRIBUIÇÃO nos DOMICILIOS

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

Rua do Norte, 124-1.

ESPINHO

Medicos cirurgicoes:

J. PINTO COELHO

RESIDENCIA:

Avenida Graciosa, 72

J. CORREIA MARQUES

R. Vaz d'Oliveira, 1

PHOTOGRAPHIA EVARISTO

Avenida Sérpa Pinto, 232

ESPINHO

Execução perfeita de qualquer
trabalho photographico.

Retratos em todos
os generos.

Reproduções de qualquer
retrato por mais an-
tigo que seja

Conclusão de trabalhos aos
photographs amadores

A JUDICIAL

AGENCIA DE SERVIÇOS PUBLICOS

Escritorio: **Rua de Bellomonte, 69-1.º**

Directores fundadores { **Manoel Coelho** } Advogados
 { **Adriano Pimenta** }

Esta agencia incumbem-se de todos os serviços forenses,—de **advocacia e procuradoria**.

Trata quaesquer serviços dependentes de ministerios ou repartições publicas:—passagem de certidões, ou quaesquer outros documentos, legalisação de documentos nos ministerios e consulados, reclamações e recursos sobre recenseamento e recrutamento militar, etc., etc.

Encarrega-se da **administração, compra, venda e hipotecas de predios** Organisa documentos para concursos, prepara papeis de casamento, bem como se occupa de todos os assuntos dependentes das repartições ecclesiasticas Promove **habilitações perante a Junta de Credito Publico, avoamentos e papeis de credito**, no Porto, Lisboa ou outra qualquer localidade recebe os juros desses papeis, rendas de predios, pensões, fóros, etc., etc. «**A Judicial**» estabeleceu uma serie de tres avenças, respectivamente **ao preço de reis 150000, 50000 e 20000**.

Dá direito aos seguintes serviços:
Cobrança judicial de pequenas dividas. Acções de pequenos despejos

—consultas oraes sobre qualquer assumpto;
—pagamento nos prazos legais de todas as contribuições: indus-
trial, predial, etc.;
—organizações e redacção de reclamações e recursos a que as
mesmas derem origem;
—informações dependentes de repartições publicas, taes como
ministerios, tribunaes, camaras municipaes, estabelecimentos
d'instrucção, etc.;
—certidões de qualquer natureza;
—requerimentos para qualquer fim que não seja começo d'acção;
—desconto especial em todos os outros serviços de que esta agen-
cia se encarrega, incluindo os de **Advocacia e Procuradoria**.

Primeira avença { Dá direito a todos os serviços da 1.ª excepto a cobrança judicial
de pequenas dividas e acções de pequenos despejos,

Segunda avença { Por esta avença fornece «**A Judicial**»:

Todas as informações e esclarecimentos relativos ás diversas
contribuições, organisa e redige os respectivos recursos e recla-
mações. effectua o pagamento d'essas contribuições mediant
cobrança previa no domicilio do contribuinte, e dá consultas
sobre estes mesmos assumptos.

Terceira avença { **Endereço telegrafico «JUDICIAL»**

(Envia-se folheto elucidativo a quem o requisite)

FABRICA DO MOCHO

**GAZOSAS, SIPHÕES E OUTRAS BEBIDAS
CONGENERES**

R. Alexandre Herculano

(AO PASSEIO ALEGRE)

AGUA DO BARREIRO

Na Serra do Caramulo—(BEIRA ALTA)

Contra a **ANEMIA** e outras doenças provenientes da mesma

Contra as doenças do **ESTOMAGO** e **INTESTINOS**

Contra as **PERTURBAÇÕES MENSTRUAES**

A mais barata de todas as AGUAS MEDICINAES

UMA GARRAFA PARA 4 DIAS

DEPOSITO EM ESPINHO

FRANCISCO ALVES VIEIRA

78, RUA BANDEIRA COELHO, 80

DESCONTOS AOS REVENDADORES

DEPOSITO DE MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

= DE =

Joaquim de Sá Alves d'Oliveira

AVENIDA DO THEATRO, 296

Proximo á praça dos touros)

ESPINHO

N'este bem montado estabelecimento encontra-se sempre e a
deposito telha **TYPO MARSELHA** e **RESISTENCIA, DA PAMFLI-**
LHOSA, telha nacional, tijolos, mosaicos, azulejos, cal grossa e
fina, tubos de grés, cimento Portland, cal hydraulica, chapa zin-
cada, pregos de Lisboa, chumbo em barra, tintas, pinseis, louzas
de Valongo etc., etc.

PREÇOS DAS FABRICAS

OFFICINA

— DE —

PICHELEIRO E FUNILEIRO

DE

João Augusto de Souza

RUA DO PASSEIO ALEGRE N.º 88-A, Em frente ao coreto—ESPINHO

Tubos de ferro, galvanizados e ditos de chumbo para installações de agua e
gaz. Torneiras de metal de todos os systemas. Apparehos para latrinas e bacias para
os mesmos. Bombas aspirantes e de pressão para poços ou cisternas. Obras de folha,
zinco, cobre e chapa galvanizada. Apparehos para gaz acetylene os mais perfectos e
economicos Bicos e accessorios para os mesmos. Recebem-se encomendas para ar
provincias e manda-se pessoal competentemente habilitado para qualquer obra que diga
respeito a esta industria, etc., etc.

Preços sem competencia